



A INTELIGÊNCIA MILITAR E AS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO NOS CONFLITOS DA ATUALIDADE

JOSÉ LEOPOLDINO E SILVA JÚNIOR¹

RESUMO

As Operações de Informação foram desenvolvidas pelos Estados Unidos da América a fim de garantir a superioridade no campo da informação, dentro do moderno ambiente de combate advindo da “Era da Informação”. A experiência obtida nos últimos conflitos bélicos ratificou a importância da evolução doutrinária no campo das Operações de Informação.

No Brasil, a doutrina preconizada pelo Ministério da Defesa ainda não produziu resultados concretos no âmbito das Forças Armadas. Reflexo disso, o Sistema de Informações do Exército não permite a integração dos diversos órgãos que compõem a estrutura operacional e administrativa da Força Terrestre.

Ao mesmo tempo em que as Operações de Informação ganharam importância no moderno ambiente de combate, a Inteligência Militar passou a sofrer influência das novas tecnologias, sendo compelida a utilizar-se de novas fontes, novos métodos e sistemas de análise cada vez mais complexos, a fim de possibilitar a produção do conhecimento relevante com oportunidade.

Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar uma visão, baseada em aspectos doutrinários e empíricos, que possa sustentar um posicionamento acerca das Operações de Informação e da Inteligência Militar no escopo do moderno ambiente de combate. Para tanto, serão abordadas algumas obras de autores com experiência no assunto, além de manuais de campanha brasileiros e norte-americanos, sendo analisados, também, os principais eventos ocorridos em âmbito nacional e internacional.

1 INTRODUÇÃO

A partir do final do Século XX, observou-se intensa evolução no setor da Ciência e Tecnologia. Esse incremento permitiu à indústria fabricar diversos produtos de elevado valor tecnológico

agregado, que passaram a atuar efetivamente na transformação da sociedade. Alvin e Heidi Toffler (1996) definiram o momento como a Era da Informação. O ambiente do campo de batalha tem acompanhado as mudanças, tendo igualmente sofrido profundas alterações. Os conflitos contemporâneos trouxeram visibilidade às novas formas de combate, nas quais as Operações de Informação (Op Info) agregam valor aos sistemas operacionais convencionais. A importância do tema motivou as Forças Armadas dos Estados Unidos da

¹ Oficial da Arma de Artilharia do Exército Brasileiro, Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras, Mestre em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e Mestre em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.



América (EUA) a desenvolverem uma doutrina de emprego militar no campo das Op Info.

A Inteligência Militar (Intlg Mil), atividade que permeia todas as operações militares, acompanhou a evolução tecnológica, agregando à fonte humana outras fontes de obtenção de dados, como sinais, imagens e cibernética. Sua aplicação, no contexto das Op Info, ganhou importância face às novas possibilidades de acesso ao conhecimento. Com isso, houve o incremento e maior participação das fontes não humanas na obtenção de dados.

2 O EXÉRCITO DOS EUA E AS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO

Após o insucesso na campanha do Vietnã, o Exército dos EUA reconhecem a necessidade de operar mudança na doutrina de combate e criou, em 1973, o TRADOC, Comando de Treinamento e Doutrina (*Training and Doctrine Command*). Em 1995, o TRADOC criou a Força Tarefa XXI, com o objetivo de associar a tecnologia da Era da Informação à capacidade de guerra do Exército. Dentre as novas tecnologias experimentadas, as relacionadas à informação receberam alta prioridade.

No ano de 1996, entrou em vigor a doutrina norte-americana de Op Info, com a publicação do manual FM 100-6 (*Information Operations*). Nesse estágio de desenvolvimento doutrinário, as Op Info integravam determinados Sistemas Operacionais, denominados capacidades centrais: Operações Psicológicas (Op Psc), Guerra Eletrônica (GE), Operações de Redes Computacionais, Dissimulação Militar e Segurança das Operações.

Em 2003, a doutrina militar norte-americana introduziu importantes modificações, fruto das lições aprendidas com as ações que se seguiram aos atentados de 11 de setembro de 2001. No Manual de

Campanha FM 3-13, ganha destaque o acréscimo de duas capacidades centrais às já existentes: as Relações Públicas (RP) e os Assuntos Cívicos (As Civ). As Op Info passaram a ser definidas como:

[...] o emprego dos recursos do núcleo de guerra eletrônica, operações de rede de computadores, operações psicológicas, dissimulação militar e de operações de segurança, integradas por uma determinada capacidade de suporte e afins, para afetar ou defender a informação e os sistemas de informação, e influenciar a tomada de decisão. (FM 3-13, 2003, p.1-13).

A seguir, buscar-se-á caracterizar e identificar as lições aprendidas decorrentes do emprego das Op Info nas operações militares conduzidas pelos EUA e países aliados, em alguns dos últimos conflitos bélicos ocorridos no mundo, após a Guerra do Golfo.

2.1 CONFLITO NA EX-IUGOSLÁVIA

a. Forças Sérvias

Foram empregadas Op Psc utilizando a mídia estatal. A propaganda teve como público-alvo os próprios sérvios e objetivava cultivar o ódio na etnia sérvia contra a etnia bósnia. Foram veiculadas mensagens falsas que levaram os sérvios a acreditarem que lutavam pela sua sobrevivência como povo.

b. Forças Bósnias

Apesar dos poucos recursos em mídia disponíveis, beneficiaram-se do fato de grande parte dos jornalistas internacionais estarem situados em Sarajevo, cidade sitiada pelos sérvios. Por isso, as agruras vividas por uma população sitiada, num quadro de beligerância, também foram vivenciadas pelos jornalistas presentes. À mídia internacional restou a percepção de que os bósnios eram vítimas, o que a fez divulgar essa visão ao mundo.



c. Forças Norte-Americanas

A missão atribuída à coalizão foi a de impor respeito aos termos do acordo de Paz de Dayton, celebrado em 1995. Como a população foi predominantemente influenciada pelas Informações Públicas, essa capacidade acabou por ser incorporada às Op Info. Richter (2009) relata que havia uma agência de Guerra da Informação² Terrestre apoiando uma Divisão de Infantaria, à qual coube o encargo de estabelecer um Conselho de Op Info, destinado a reunir atores-chave para a disseminação de Informações Públicas, Relações Públicas (RP), Operações, Op Psc e As Civ.

A Inteligência Militar recebeu a missão de buscar formas alternativas para compensar as eventuais dificuldades enfrentadas, fruto do tipo de atuação da força oponente. Segundo Meigs (2004), ainda que os sistemas tecnológicos estejam fornecendo cada vez mais processos automatizados para obtenção de dados, a fonte humana não deve ser desprezada.

2.2 CONFLITO NO AFGANISTÃO

Segundo Richter (2009), a Operação “Enduring Freedom” fixou os seguintes objetivos militares iniciais: “a destruição de campos de treinamento e infraestrutura terroristas, a captura de líderes da Al-Qaeda, organização terrorista liderada por Osama Bin Laden, e a interrupção das atividades terroristas no país.”

Houve o predomínio do emprego da GE no início da operação, visando atingir meios de

comunicações e de Defesa da Artilharia Antiaérea (DAAAe) do inimigo.

As ações relacionadas ao campo das Op Psc buscaram, inicialmente, o convencimento do oponente para que optasse pela rendição. Ao povo afegão, a ideia transmitida foi a de que os ataques foram realizados contra o Talibã, e não contra a população. Posteriormente, as operações buscaram preparar as bases para um futuro governo democrático afegão, exteriorizando oposição ao terrorismo e respeito aos direitos humanos.

No campo externo, as Op Psc foram idealizadas para convencer a comunidade internacional de que, apesar da violência, a coalizão estava fazendo todo o possível para minimizar a perda da vida e da propriedade de civis afegãos.

Richter (2009) aponta óbices encontrados, reflexo da deficiência de estrutura doutrinária. A inobservância das características e peculiaridades da cultura afegã limitou a capacidade de influenciar a população. Nesses casos, cresce de importância o estudo prévio da população situada na área de operações. Língua, religião e costumes devem ser estudados e compor, ainda na fase do planejamento, o Repertório de Conhecimentos Necessários (RCN).

2.3 CONFLITO NO IRAQUE

a. Forças insurgentes

Metz (2006) assinala que a força insurgente mostrou-se “adaptável, implacável e tecnologicamente inteligente, que reconhece a rede global de informações como sua ferramenta mais eficaz para atacar o que considera ser nosso centro de gravidade: a opinião pública, nacional e internacional”. Afirma que o inimigo é mais hábil que as tropas norte-americanas, pois domina a “integração das operações baseadas nas

² A Guerra da Informação (*Information Warfare*) é o termo adotado pelos EUA para reconhecer uma série de ações tomadas durante um conflito, com a finalidade de alcançar a superioridade de informação sobre um adversário. (FM 100-6, 1996, p. 2-2) Para Kuehl (2003), é um pequeno subconjunto das Operações de Informação. Inclui não só o campo militar, mas também o campo político e econômico.



informações, principalmente junto aos meios de comunicação em massa”.

b. Forças norte-americanas

As Op Info executadas no Iraque foram planejadas e desenvolvidas nos níveis Corpo-de-Exército, Divisão e Brigada. Richter (2009) assinalou algumas falhas no planejamento e na execução das Op Info. Não foram planejadas ações com vistas a estabelecer um ambiente estável, com projeção da ideia de obtenção de paz duradoura. Limitaram-se, também, ao apoio às operações de combate, em detrimento do domínio de todo o ambiente de informação, incluindo a população local e a opinião pública internacional. Outro óbice apontado por Richter foi o emprego de soldados inexperientes, sem o conhecimento da cultura local. A tropa da coalizão, por vezes, antagonizou iraquianos, que poderiam ter fornecido dados sobre assuntos de interesse. Assim, a coalizão deixou de focar a população local como fonte de obtenção da informação.

No estudo da campanha militar norte-americana no Iraque, Metz (2006) compara as Op Info em dois momentos distintos: durante as operações *Vigilant Resolve* e *Al-Fajr*.

1) Operação *Vigilant Resolve*

Operação desencadeada pela 1ª Força Expedicionária do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) dos EUA, para restaurar o controle da cidade de Fallujah. Metz entende que houve falha no planejamento da inteligência para a operação, pois não foram levantados dados iniciais que possibilitassem “o engajamento de numerosos e variados líderes iraquianos, a remoção dos centros de informações do inimigo e a disseminação rápida

de informação do campo de batalha para todos os meios de comunicações internacionais.”

2) Operação *Al-Fajr*

A operação foi desencadeada para eliminar a presença dos insurretos da cidade de Fallujah. A missão dos planejadores era evitar que a derrota na área da informação ocorrida na Operação *Vigilant Resolve* se repetisse novamente. Portanto, o objetivo era “evitar o clamor produzido pelos meios globais de comunicação e a condenação internacional que afetaram de forma negativa nossas operações”(METZ, 2006, p.81).

A campanha exitosa do Corpo-de-Exército *Multi-National Iraq* e da 1ª Força Expedicionária do CFN foi planejada com base em linhas de ação visando concentrar os efeitos da informação, por meio de maior intensidade das Op Info, a fim de criar mais espaço para as ações de combate em Fallujahh. As Op Info visaram a campanha de informação inimiga, executando missões para controlar as informações.

3. O EXÉRCITO BRASILEIRO E AS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO

3.1 A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA NA MINUSTAH

Nos últimos anos, o Estado brasileiro tem intensificado sua participação em missões de paz, oportunidade que vem sendo aproveitada para o adestramento de tropas no emprego em missão real, sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU).

O MD regula os fundamentos da participação das Forças Armadas em operações dessa natureza no manual MD34-M-02 (Manual de Operação de Paz). Segundo a doutrina nacional, estão previstas as atividades de Intlg Mil em Operações de Paz, com a



finalidade de prover os conhecimentos necessários para, dentre outros, a antecipação de possíveis ações hostis das partes em luta contra a força de paz. Consoante às experiências relatadas por oficiais norte-americanos, o manual prevê a necessidade de, no estudo do ambiente operacional, dedicar especial atenção à população local, a fim de que a inteligência possa obter dados relativos aos contendores ou mesmo contribuir para a proteção dos civis ameaçados.

Dentre as missões de paz, a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH) é a que vem demandando maior esforço por parte do Estado brasileiro. Sua Força Militar vem sendo chefiada pelo Brasil desde a instituição, em 2004. A palestra “Operação de Paz no Haiti”, promovida pela Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais (SAEI) do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República (GSI/PR), realizada no dia 14 de outubro de 2005, no Palácio do Planalto, foi proferida pelo então Gen Div Augusto Heleno Ribeiro Pereira, primeiro Comandante da Força Militar da MINUSTAH. O elucidativo conteúdo da palestra, proferida por Oficial-General de comprovada experiência no tema e notório saber, servirá de base para a elaboração da resposta ao questionamento: “a Força de Paz realizou Op Info no Haiti?” O estudo será focado no período inicial de atuação da MINUSTAH (anos de 2004 e 2005). Não serão motivo de estudo, portanto, os eventos ocorridos posteriormente, em particular aqueles associados ao terremoto, ocorrido no Haiti em janeiro de 2010.

Segundo Pereira (2005), o quadro do Haiti caracterizava-se por problemas sociais, ecológicos e

políticos. No quadro conturbado que se apresentava, a imprensa mantinha forte influência sobre a população. Nesse sentido, coube à Força de Paz atuar contra a violência e seus efeitos psicológicos, amplificados pela atuação de órgãos da imprensa.

Dentro desse ambiente, onde figuraram ações estratégicas operacionais básicas da MINUSTAH, óbices estruturais do Haiti e ineficiências políticas, a MINUSTAH cumpriu a missão recebida, utilizando os meios disponíveis. Listam-se, a seguir, alguns elementos que poderão servir de embasamento para responder à questão objeto do presente estudo.

- Foram realizadas ações pela MINUSTAH no sentido de se contrapor à influência da mídia local sobre a população.

- A missão realizou ações civis e humanitárias, conjuntamente às operações militares, com o firme propósito de conquistar o apoio da população (Operações, As Civ e Com Soc).

- A tropa buscou o entrosamento com a população, a despeito das dificuldades advindas das diferenças idiomáticas. Exemplo disso foi a realização de uma partida de futebol, confraternizando militares e representantes da população.

- A paixão dos haitianos pelo futebol da seleção brasileira foi utilizada como instrumento de aproximação entre as culturas.

- No período de estudo considerado, o contingente da MINUSTAH sofreu Op Info adversas, quando em junho de 2005 foi executada uma campanha utilizando meios de comunicação local (rádio e jornal), faixas nas ruas e adesivos nos carros contra a atuação da MINUSTAH e contra o seu comandante. A campanha contou com ações que visavam à desestabilização do governo e da



MINUSTAH (sequestros e incêndios com óbitos) e ataques a estabelecimentos comerciais e industriais. A resposta da MINUSTAH foi a execução de uma operação em Cité Soleil, populoso bairro de Porto Príncipe, para prender o principal chefe das gangues. Ao final, a operação foi bem sucedida.

3.2 OPERAÇÃO ARCANJO

A Operação Arcanjo foi desencadeada a partir do dia 28 de novembro de 2010, nas regiões denominadas Complexo da Penha e do Alemão. A operação envolveu policiais civis e militares, policiais federais e militares das Forças Armadas. No Estado do Rio de Janeiro, a Política de Segurança Pública priorizou a instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), com o apoio das Forças Armadas, a fim de restabelecer a presença do Poder Público nessas comunidades.

A ação das Forças Armadas foram embasadas nas experiências colhidas na MINUSTAH e nas lições aprendidas pelas Forças Armadas dos EUA na campanha do Afeganistão. Naylor (2011) destacou algumas características dessas atuações, a seguir especificadas:

- Houve grande preocupação em realizar ações que visavam a conquista do apoio da população na área ocupada. Apesar da presença da tropa, das prisões efetuadas e das condições de segurança proporcionadas, ainda persistia a ameaça dos traficantes sobre os moradores. Isso fez com que a população mantivesse reserva em relação ao contato com a tropa, temendo sofrer represálias após o término da operação.

- As operações realizadas buscaram a coordenação e integração com elementos de apoio, como a Com Soc, Op Psc e Inteligência, identificando e gerenciando os riscos e

potencializando os efeitos das ações táticas realizadas.

- A Inteligência ressaltou a importância da obtenção de conhecimentos ao contar com a participação da população, que pôde oferecer denúncia por meio do “disque-denúncia” voltado exclusivamente às ações da Força de Pacificação. Igualmente importante foi o emprego das patrulhas como fonte de obtenção de dados. Nesse aspecto, busca-se qualificar as frações de tropa como elemento apto à coleta de dados e difusão de informes.

- A operação, conduzida em ambiente urbano, expôs a tropa aos riscos provenientes do contato muito próximo com a população. Dessa forma, há a necessidade de não empregar, nas operações, militares que sejam moradores da área.

- O poder de polícia das Forças Armadas, exercido por pequenas frações na execução de patrulhas, muitas vezes constatou a necessidade de realizar revista de pessoas. Nessas oportunidades, persistia a dificuldade de se contar com o apoio de público feminino para a realização das revistas em mulheres.

- O envolvimento de menores de idade com o tráfico de drogas continua sendo motivo de cuidados especiais. Isso torna necessária a imediata comunicação e o encaminhamento do caso às autoridades responsáveis (Conselho Tutelar e Juizado da Infância e da Juventude).

- As patrulhas realizadas em pequenos escalões ratificaram o conceito de que é necessário que todos os militares tenham perfeita compreensão da “intenção do comandante”, conhecimento e domínio das regras de engajamento, noções de



técnicas da atividade de Comunicação Social e aspectos jurídicos do emprego da tropa.

- Foi montada uma Central de Inteligência com elementos do Comando Militar do Leste (CML), com capacidade para reunir e integrar os conhecimentos produzidos pela Força de Pacificação, passando a fornecer elementos que possibilitaram a tomada de decisão em melhores condições.

- A instalação de um posto avançado da Delegacia de Polícia Civil no interior da Área de Pacificação deu agilidade aos encaminhamentos dos delitos, desonerando a tropa dos aspectos técnicos e legais correlatos, de competência desse Órgão de Segurança Pública (OSP).

- A aplicação de recursos do Governo do Estado do Rio de Janeiro, revitalizando e disponibilizando áreas de lazer e serviços essenciais para a população, concomitante à ocupação, potencializou a veiculação de "idéias-força" que destacaram os benefícios trazidos à população em função da presença do Estado na área.

- O Programa C2 em Combate, instrumento do Sistema de Informações Operacionais Terrestre (SINFOTER), está sendo usado apenas pelos Batalhões de Comunicações.

4 CONCLUSÃO

As Forças Armadas dos EUA acumularam sucessivas experiências em Op Info nos últimos anos, notadamente a partir de 1996. A pesquisa e o desenvolvimento de novas tecnologias alcançaram relevantes resultados. Os EUA demonstram competência ao vislumbrar, dentro de um cenário prospectivo, a importância da introdução de novas tecnologias e do reestudo da doutrina de emprego militar. Nesse quadro, as Op Info surgiram como

nova capacidade, concebida para ampliar os resultados positivos obtidos taticamente, controlar e influenciar a percepção, minimizar eventuais efeitos adversos e reforçar positivamente a estratégia de emprego da força.

Por seu turno, a Inteligência Militar continua sendo fundamental em qualquer operação militar. A atual complexidade e multiplicidade dos atores, ameaças e variáveis do campo de batalha elevaram a Inteligência Militar ao cerne das Op Info. As novas tecnologias empregadas na obtenção de dados impõem o desafio de trabalhar de forma ainda mais sistêmica e integrada, a fim de possibilitar a produção e divulgação, ao agente decisor, do conhecimento relevante e oportuno.

O estudo das recentes participações do EB, na MINUSTAH e na Operação Arcanjo, demonstrou o esforço do Comandante Tático em executar as Op Info. Esse esforço, contudo, é realizado com algumas deficiências, dentre as quais se destacam a incipiente doutrina, ainda embrionária e não consolidada, marcada pela inexistência de políticas e diretrizes específicas, além da falta de estrutura de TI, automação nos processos de produção e integração sistêmica dos conhecimentos necessários às Op Info no EB.

Nesse sentido, com as devidas ressalvas relacionadas aos equipamentos e tecnologias empregadas, é possível afirmar que a doutrina norte-americana representa um parâmetro, que pode ser motivo de estudos mais aprofundados, com a finalidade de testá-la e reagí-la com a realidade brasileira. Desse estudo poderão ser extraídas as bases doutrinárias que virão a fundamentar o que, de forma abreviada, já está sendo executado pelos Comandos Operacionais quando empregados em situação real.



Assim, aos questionamentos que originaram o presente trabalho, quais sejam, se o Exército Brasileiro necessita reformular sua estrutura organizacional, de forma a ajustar-se à doutrina de Op Info, levadas a efeito nas últimas experiências do Exército dos EUA e do próprio EB e, se caberá à Inteligência Militar o encargo de integrar as várias capacidades que somam esforços nas Op Info, são apresentadas as seguintes respostas:

- há a necessidade de reformular a atual estrutura organizacional do EB. Caberá ao EME, como órgão normatizador, o estudo e desenvolvimento da doutrina, além do estabelecimento de diretrizes que permitam a integração das Op Info em nível estratégico, consoante às definições estabelecidas pelo MD. Ao Comando de Operações Terrestres (CO Ter), órgão gestor do SINFOTER, caberá a inclusão das Op Info nas atividades de preparo e no emprego da Força Terrestre, de acordo com a doutrina estabelecida pelo EME. Para tanto, deve-se considerar a necessidade de criação de uma seção específica, voltada para a integração das células de Op Info situadas nos Grandes Comandos e Grandes Unidades. As células de Op Info deverão contar com uma estrutura mínima e ser integradas por atividades e especialidades, conforme mostra a figura a seguir:



Figura 2: Operações de Informação - Fonte: autor

Tendo a Inteligência como especialidade que irá definir a estrutura do Repertório de Conhecimentos Necessários (RCN) e orientar o esforço operacional, a célula poderá ser composta por elementos especializados em Operações Psicológicas, Comunicação Social e Ação Cívico-Social. A GE, incluindo a Guerra Cibernética, por sua especificidade e alto custo, poderá ser um meio disponível nos Comandos Militares de Área, capacitados a prestar o apoio aos escalões subordinados quando necessário.

- no tocante à possibilidade da Inteligência Militar integrar as várias capacidades que somam esforços nas Op Info, a resposta é negativa. A Inteligência Militar possui vastos encargos, agravados pelas necessidades impostas pela velocidade atual da informação. Assim, mais funcional será a célula de Op Info estar subordinada diretamente à 3ª Seção do Grande Comando/Grande Unidade, integrando todas as capacidades de forma sincronizada, alimentada pelos conhecimentos de Inteligência.



REFERÊNCIAS

ABRIL, Almanaque. Ed. Abril. São Paulo-SP, 2011.

BRASIL, Ministério da Defesa. **Decreto nº 5484, de 30 de junho de 2005**. Política de Defesa Nacional.

_____. Ministério da Defesa. **MD31-D-03**: Doutrina Militar de Comando e Controle. Brasília-DF, 2006.

_____. Ministério da Defesa. **MD31-M-04**: Manual de Procedimentos de Comando e Controle para Operações Combinadas. Brasília-DF, 2006.

_____. Ministério da Defesa. **MD32-M-01**: Doutrina de Inteligência Operacional para as Operações Combinadas. Brasília-DF, 2006.

_____. Ministério da Defesa. **MD33-M-08**: Manual de Operações de Evacuação de Não-combatentes. Brasília-DF, 2007.

_____. Ministério da Defesa. **MD33-M-03**: Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas. Brasília-DF, 2007.

_____. Ministério da Defesa. **MD34-M-02**: Manual de Operação de Paz. Brasília-DF, 2007.

_____. Ministério da Defesa. **MD51-M-03**: Estratégia Militar de Defesa. Brasília-DF, 2006.

_____. Ministério da Defesa. **MD 51-P-02**: Política Militar de Defesa. Brasília-DF, 2005.

_____. Exército. Comandante do Exército. **Portaria nº 445, de 14 de junho de 2010**. Aprova a Diretriz Estratégica Organizadora do Sistema de Informação do Exército. Brasília-DF, 2010.

CAVALIERI, Vicente. **Superioridade espacial, eletrônica e aérea vitais na moderna guerra aérea**. Disponível em: <<http://www.reservaer.com.br/est-militares/superioridadeespacial.html>>. Acesso em: 30 ABR 10.

CERQUEIRA, Raimundo Nonato. **Atividades de Inteligência no Brasil**: Contribuições para a soberania e a democracia. Seminário, Congresso Nacional, 2002.

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **ME 21-253**: Monografias e Estudos de Estado-Maior. Rio de Janeiro, 1997.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **Manual de Campanha nº 100-6, Information Operation**: Doctrine, Tactics, Techniques and Procedures. Headquarters, Department of the Army, 1996.

_____. **Manual de Campanha nº 1-02**, Dictionary of Military and Associated Terms. Department of Defense, 2010.

_____. **Manual de Campanha nº 3-13, Information Operation**: Doctrine, Tactics, Techniques and Procedures. Headquarters, Department of the Army, 2003.

_____. **Manual de Campanha nº 3-13, Joint Doctrine for Information Operations**. Headquarters, Department of the Army, 1998.

FLOR, Leonardo J. **Como explorar a energia potencial das Operações de Informação**. Artigo Científico. In: Military Review, SET-OUT 2010.

FORD, Christopher M. **Bem calçado e informado: Globalização e Insurgência**. Artigo Científico. In: Military Review, SET-OUT 2007.

LEAL, Paulo Cesar. **O Sistema de Informação do Exército: problemas e propostas de solução**. Artigo Científico apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, 2009.

KUEHL, Dan. **Operações de Informações**. Artigo In: Infocon Magazine Issue One, OUT 2003. Disponível em: <<http://www.iwar.org.uk/infocon/io-kuehl.htm>>. Acesso em: 08 ABR 11.

MEIGS, Montgomery C. **Idéias pouco ortodoxas sobre a guerra assimétrica**. Artigo Científico. In: Military Review, 1º Trim 2004.

METZ, Thomas F. **Concentrando poder nas Operações de Inteligência**: um estudo de caso em Operações de Inteligência Hostis. Artigo Científico. In: Military Review, SET-OUT 2006.

NAYLOR, Augusto Cesar de Brito. **Lições aprendidas pela inteligência dos EUA no Afeganistão**. Palestra ministrada ao Curso de Inteligência para Oficiais em 02 MAIO 11.

NUNES, Paulo Fernando Viegas. **Operações de Informação: Enquadramento e impacto nacional**. Disponível em: <<http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/print.php?id=137>>. Acesso em: 09 ABR 11.

PEREIRA, Augusto Heleno Ribeiro. **Operação de Paz no Haiti**. Palestra realizada no Palácio do Planalto em 14 Out 2005. Disponível em: <<http://geopr1.planalto.gov.br/saei/images/publicacoes/operacao-depaznohaiti.pdf>>. Acesso em: 09 ABR 11.

RICHTER, Walter E. **O Futuro das Operações de Informação**. Artigo Científico. In: Military Review, MAIO-JUN 2009.

TOFFLER, Alvin; TOFFLER, Heidi. **Guerra e antiguerra: sobrevivência na aurora do terceiro milênio**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1995.

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO. **1995: Acordo de Dayton encerra a Guerra da Bósnia**. Artigo publicado em 21 Nov 10 no sítio História 40 anos licenciatura plena. Disponível em: <<http://historiaupf.blogspot.com/2010/11/1995-acordo-de-dayton-encerra-guerra-da.html>>. Acesso em: 29 ABR 11.